

Humberto Delboni Filho

“A Escola mudou muito e muito, desde o meu tempo (...) Nosso corpo de professores era maravilhoso. Pessoas de uma devoção, dedicação a toda prova.”

Pertenço a terceira geração de imigrantes italianos. Nasci em São José do Rio Preto, que na minha época de menino era ainda Rio Preto, filho de farmacêutico formado, em 1911, pela Escola de Pharmácia, Odontologia e Obstetrícia de São Paulo. Meu pai já havia se aposentado quando eu ainda era criança. Viveu naquela época em que o farmacêutico tinha boa cultura, boa reputação e muito respeito; era o caso dele. Praticamente substituí o médico, evidentemente, ciente de suas limitações. Cresci nesse clima de histórias de medicina, de curas e de diagnósticos, alimentado pelo pai, do qual eu já era um “secretário” aos dez anos de idade. Grande amigo e “secretário”. Tínhamos em casa uma pequena biblioteca, que hoje entendo, era uma biblioteca médica. Tínhamos, e, conservo até hoje, um “Formulário e Guia Médico”, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (o Chernoviz), 18ª edição, de 1908.

Sempre meu pai me fazia consultar o Chernoviz, para ver o nome científico de uma planta, ver os usos de uma determinada droga, enfim, aplicação para medicina. Contribuí bastante para a instalação da vocação, meu irmão mais velho, Valyrrio Luiz Delboni, que havia se formado pela Escola Paulista de Medicina em 1950. Sempre houve um clima em meu lar, de assuntos médicos.

Ingressei aqui na Paulista em 1952. No meu segundo ano, o chefe do Laboratório Central do Hospital São Paulo era o professor João Marques de Castro, que oferecia estágio no Laboratório Central para alunos do segundo ano. Esse estágio era combinado com os alunos, não conflitando nunca com o horário curricular, ou algo que levasse o aluno a perder uma aula. Mas havia um número limitado de vagas e o Dr. João, de saudosa memória, dava preferência àqueles que não tivessem tido segunda época no ano anterior. Ele mesmo dizia que esse não era o melhor critério. Porque às vezes, por um infortúnio, o aluno tinha ficado em uma segunda época e outro, por sorte, foi feliz e passou. Mas, dizia, temos que ter um critério, senão, não se tem fim em uma avaliação.

A disciplina de um estágio no Laboratório Central era muito séria. Estou sendo leve dizendo que era séria. Era germânica, no bom sentido da palavra. A marcação dos horários era feita às cinco da tarde de um sábado. Apenas isso já selecionava alguns que diziam: “Não, não vou marcar estágio nenhum, eu vou para praia”. Lembrando um detalhe: Dr. João ia sempre para a sala do anfiteatro do segundo andar (era o andar do laboratório) com o assistente mais graduado, cinco minutos antes das dezessete horas. Às vezes, faltando alguns minutos para a hora marcada, um grupo de alunos no corredor, decidia: “Vamos tomar um cafezinho”, e desciam. Não sabiam que, pontualmente, Dr. João dizia para o assistente, que algumas vezes fui eu: “Feche a porta”. Aqueles que haviam ido tomar o

cafezinho ficavam olhando no visor da porta, não entendendo a pontualidade. Esses ficavam sem estágio. Dentro da sala se marcava, com calma, o horário de cada um, e após isso, apenas por motivo considerado grave, grave mesmo, admitia-se a falta no estágio.

No final do estágio, o Dr. João (não era chamado de professor João) convidava a todos - minha turma era de 28 - para num sábado, cinco da tarde, fazer uma foto no pátio da Escola. Claro que ele não teria uma Kodak ou outra máquina comum; tinha uma com temporizador, que lhe permitia compor a turma, deixando uma vaga, que era a dele, e correr para estar na foto. Eram tiradas várias fotos do grupo, ele dava para cada aluno uma em que o próprio estivesse saído bem, nunca, uma foto em que estivesse de olho fechado, por exemplo. Num determinado sábado, no centro da cidade, encontrei no final da tarde, um colega do estágio, que me disse preocupado: “Delboni você faltou na foto!”; “Que foto?”; “Do Dr. João”. Eu havia esquecido, e, pior ainda, ele havia me convidado em particular para continuar no Laboratório como monitor, avisando que faria um convite para todos justamente nesse sábado da foto. Fiquei triste e bem preocupado; na segunda-feira fui ao Laboratório, e disse: “Dr. João, vim me desculpar porque faltei na foto sábado a tarde”; “Isso não tem a menor importância, acontece, faltou porque?”. “Esqueci e fui ao cinema”. Ele engoliu em seco, pigarreou, e. “tudo bem”. “Então vamos combinar, depois de amanhã, venha aqui para combinarmos seu trabalho de monitor”. No início do meu 3º. ano, fui nomeado pela Congregação da Escola Paulista, monitor do Laboratório Central do Hospital São Paulo (1ª. Clínica Médica da Escola Paulista). O trabalho sempre transcorreu dentro de uma disciplina, extremamente rígida, não havia brincadeiras, subterfúgios ou afins. O Laboratório pertencia a 1ª. Clínica Médica do venerável Professor Jairo Ramos.

Foi ele quem deu um impulso a Clínica Médica, que nessa época era o padrão de referência na América Latina, era um orgulho e muito grande ter trabalho ali, muitos se espantavam com o fato de eu trabalhar com o Dr. João, homem de poucas palavras, temperamento irascível, mas, meu trato com ele sempre foi muito gentil, e, nunca tive qualquer problema, uma reprimenda desagradável ou qualquer coisa assim. Foi graças a esse estágio, que tive o início de minha carreira médica, até mesmo memorizei quanto ganhava por mês como monitor, nem sei como tive essa idéia na época; ganhava o equivalente ao preço de um “long play” de 12 polegadas, creio, que não dava para comer um sanduíche todo dia no bar.

Formei-me em 1957 e continuei no Laboratório Central. Quando Dr. João faleceu, em 1960, eu era o segundo homem do Laboratório, então assumi o expediente, continuei o trabalho até me aposentar em 1986, como professor da Escola Paulista de Medicina.

A Escola mudou muito e muito, desde o meu tempo. Um Laboratório deste tipo em Hospital grande atendendo 24 horas por dia, todos os dias, nunca tem todas suas necessidades atendidas, mas, com tudo isso, as coisas podem andar, e, andaram. Mesmo com dificuldade de material e pessoal, os exames eram feitos no Laboratório Central, sempre progredindo; temos que lutar com aquilo que se tem. Nosso corpo de professores era maravilhoso. Pessoas de uma devoção, dedicação a toda prova. Dei muitos plantões no Laboratório Central, às vezes, nesses plantões, eu “ajudava” um professor examinar um doente; não era rara a noite, que um professor pedia-me para fazer uma dosagem e ligar para sua casa.

Dei aulas de Patologia, que é a aula de Laboratório, para alunos do 3º. ano, e, como a maioria do pessoal universitário faz, dividia o tempo entre a universidade e a atividade privada. Por isso, vejo com muita alegria, a expansão da Escola, para novas áreas de conhecimento. Nosso pessoal tem muita garra, esse foi o ponto forte da Escola. Foram criados no mesmo espírito que fui, de fazer as coisas com o que se tem. A Escola Paulista de Medicina, foi um presente que a vida me deu, além de aprender medicina, aprendi a ter postura, a ter muita garra.

Dr. João, meu chefe, e muito mais do que isso ele foi, viveu com nefrostomia bilateral dos 23 aos 46 anos; a vida de uma pessoa com essa condição não é fácil. Foi um exemplo de vida, de garra, e de persuasão; ele dizia: “consigo dividir as coisas, a cabeça que mantenho intocada, e aquilo que a suporta, o corpo, que já está indo embora”. Era a pessoa com a maior cultura geral com o qual convivi; cultura enciclopédica e humanística.

O Laboratório Central, foi decisivo na minha vida; tornei-me chefe de serviço aos 26 ou 27 anos, todos os outros chefes tinham mais de 50 anos; eu era o menino do colegiado, chamava todos de senhor e professor, e, importante, não havia no meu serviço alguém de nível superior a mim, que “remendasse” um descontrole meu ou uma injustiça, como: “O Delboni ficou nervoso, ele é novo, é coisa de jovem, ele não quis dizer isso”. Essa situação me conduziu a tentar sempre ser moderado, comedido, o mais justo possível, pensar antes de falar; se cometesse uma injustiça, não havia quem me chamasse à atenção, e, revertesse o problema. Passei a ser muito mais cuidadoso no relacionamento com pessoas.

É possível ser humano, sem ser condescendente com coisas erradas. Aquele que gosta das coisas certas, não precisa ser mal-educado, não precisa ser turrão, falar palavrões no trabalho, desacatar alguém diante dos outros; ninguém precisa disso, tudo tem sua hora, a sua maneira de ser feita.

Este depoimento, de tom saudosista, em rápidas pinceladas, traduz muito palidamente, tudo o que a Escola a mim transmitiu, ensinando de maneira produtiva e imorredoura.